





SANTOS ROCHA

ARQUEOLOGIA  
E TERRITÓRIOS  
DA FIGUEIRA DA FOZ



# **SANTOS ROCHA, ARQUEOLOGIA E TERRITÓRIOS DA FIGUEIRA DA FOZ**

Coordenação  
Ana Margarida Ferreira e Raquel Vilaça

Livro do Colóquio  
realizado na Figueira da Foz, de 21 a 23 de novembro de 2019

Figueira da Foz | Coimbra  
2021



## FICHA TÉCNICA

### **Título**

Santos Rocha, Arqueologia e Territórios da Figueira da Foz

### **Edição**

Município da Figueira da Foz | Departamento de Cultura e Turismo  
Universidade de Coimbra | Faculdade de Letras | Instituto de Arqueologia

### **Coordenação**

Ana Margarida Ferreira e Raquel Vilaça

### **Coleção**

*Conimbriga Anexos 7*

### **Revisão e Edição de Texto**

Anabela Bento

### **Design**

Ana Teresa Lopes e Eduardo Oliveira

### **Impressão**

Prodimprensa, C.R.L.

### **Tiragem**

600 Exemplares

### **ISBN**

978-989-8903-48-8

### **Depósito Legal**

482980/21

Figueira da Foz | Coimbra

2021

## ÍNDICE

- 8 - 9 Mensagem do Presidente da Câmara Municipal da Figueira da Foz  
**Carlos Monteiro**
- 10 - 15 Apresentação de um colóquio e um livro por Santos Rocha  
**Ana Margarida Ferreira e Raquel Vilaça**
- 16 - 43 Hacer arqueología: investigación, difusión y defensa del rigor e independencia disciplinar  
*Doing archaeology: research, dissemination and defense of accuracy and disciplinary independence*  
**Gonzalo Ruiz Zapatero**
- 44 - 61 Considerações sobre o papel da Geologia e seus atores no universo arqueológico de António dos Santos Rocha  
*Thoughts on the role of Geology and its actors in the archaeological universe of António dos Santos Rocha*  
**Pedro Miguel Callapez, José Manuel Brandão, Miguel de Carvalho, Pedro Alexandre Dinis, Ricardo Jorge Pimentel, José M. Soares Pinto, Rodrigo Pinto, Pedro Santarém Andrade, Luís Manuel Simões, Fernando Carlos Lopes e Elsa Carvalho Gomes**
- 62 - 75 Entre cortesia e partilha científica: as moldagens arqueológicas oferecidas por Nery Delgado ao Museu Municipal da Figueira da Foz (1894)  
*Between courtesy and scientific sharing: the archaeological casts offered by Nery Delgado to the Figueira da Foz Municipal Museum (1894)*  
**José Manuel Brandão**
- 76 - 95 Santos Rocha, arqueólogo de corpo inteiro e, portanto, também protector dos monumentos megalíticos da Figueira da Foz  
*Santos Rocha, fully fledged archaeologist and therefore also protector of the megalithic monuments of Figueira da Foz*  
**Raquel Vilaça e Ana Margarida Ferreira**
- 96 - 109 O Dólmen do Cabeço dos Moinhos (Serra da Boa Viagem, Figueira da Foz): contributo para o estudo das práticas funerárias pré-históricas do Centro de Portugal  
*The Megalithic Monument of the Cabeço dos Moinhos (Serra da Boa Viagem, Figueira da Foz): contributions to the study of prehistoric funerary practices of the Centre of Portugal*  
**Ana M. S. Bettencourt, Ana Maria Silva, Cláudia Costa, Sofia Tereso e Carlos S. Cruz**
- 110 - 127 Os ocupantes dos monumentos megalíticos da região da Figueira da Foz escavados por Santos Rocha: o que os seus restos ósseos nos revelam  
*The occupants of the megalithic monuments of the region of Figueira da Foz excavated by Santos Rocha: what their bones reveal us*  
**Ana Maria Silva**

- 128 - 137 Contributo para o estudo da ocupação pré-histórica da Figueira da Foz: a “Estação Humana do Arneiro”  
*Contribution to the study of the prehistoric occupation of Figueira da Foz: the “Estação Humana do Arneiro”*  
**Carlos E. F. Batista e Ana M. S. Bettencourt**
- 138 - 149 Um punhal de cobre esquecido, um sítio (re)encontrado: Loriga (Alhadas de Baixo, Figueira da Foz)  
*A forgotten copper dagger, a (re)discovered site: Loriga (Alhadas de Baixo, Figueira da Foz)*  
**Ana Rita Pereira, Carlo Bottaini e Raquel Vilaça**
- 150 - 161 Contributos para o estudo do depósito metálico de Espite (Ourém)  
*Contributions to the study of the Espite metallic hoard (Ourém)*  
**Pietro Musso Mack, Xosé-Lois Armada e Raquel Vilaça**
- 162 - 175 Os Cacos. Sempre os Cacos... Notas sobre a produção de cerâmica em Santa Olaia na Idade do Ferro  
*Revisiting Potsherds, time after time... Remarks about pottery production at Santa Olaia during the Iron Age*  
**Sara Oliveira Almeida, Maria Isabel Prudêncio, Rosa Marques, Maria Isabel Dias e Dulce Russo**
- 176 - 191 Sobre as mais antigas mós circulares rotativas no ocidente da Península Ibérica: os trabalhos de Santos Rocha nos povoados da Idade do Ferro do baixo Mondego (Santa Olaia e Crasto de Tavadede)  
*On the most ancient rotary querns in the westernmost area of the Iberian Peninsula: the evidence from Santos Rocha excavations at the lower Mondego River valley Iron Age settlements (Santa Olaia and Crasto de Tavadede)*  
**Carlos Fabião**
- 192 - 201 A fauna de Santa Olaia: estudo do material osteológico recolhido na intervenção arqueológica de emergência de 1993-1994  
*Santa Olaiá's fauna: study of the osteological material collected in the emergency archaeological intervention of 1993-1994*  
**Rodrigo Pinto**
- 202 - 213 Elementos para o estudo da ocupação romana na foz do Mondego  
*Elements for the study of roman occupation at the mouth of Mondego*  
**Marco Penajoia**
- 214 - 233 Um farol romano na foz do rio Mondego?  
*A roman lighthouse at the mouth of the river Mondego?*  
**Vasco Gil Mantas**



- 234 - 243 O contributo da fotogrametria na arqueologia: o caso de estudo da muralha nascente do forte de Santa Catarina (Figueira da Foz, Portugal)  
*The contribution of photogrammetry in archaeology: the case study of the east wall of Santa Catarina fort (Figueira da Foz, Portugal)*  
**Bruno Freitas e Marco Penajoia**
- 244 - 255 A exploração da mina de carvão do Cabo Mondego: breve apontamento sobre um património degradado  
*The exploration of the Cape Mondego coalmine: a brief note on a degraded heritage*  
**José M. Soares Pinto, Pedro Miguel Callapez, José Manuel Brandão e Rodrigo Pinto**
- 256 - 267 Sobre a importância da ocorrência de celestite no Cabo Mondego: singularidade, importância científica e implicações materiais  
*On the importance of celestite occurrence in Cabo Mondego (Jurassic, West Portugal): uniqueness, scientific importance and material implications*  
**Ricardo Jorge Pimentel, José M. Soares Pinto, José Manuel Brandão, Pedro Miguel Callapez e Rodrigo Pinto**
- 268 - 277 Do Cabo Mondego à Estação CP – António da Silva Guimarães e a Linha do Americano  
*From Mondego Cape to the railway station – António da Silva Guimarães and the “Americano” railway*  
**Inês Pinto e Ana Domingues**
- 278 - 289 Materiais (arqueológicos) para a História da Figueira nos séculos XVIII e XIX  
*(Archaeological) materials for the History of Figueira in the 18th and 19th centuries*  
**José Ricardo Nóbrega**
- 290 - 305 R. Laidlaw & Son, Glasgow. O contributo da diversificação do investimento britânico no estrangeiro para a modernização dos sistemas urbanos de distribuição de água na Figueira da Foz  
*R. Laidlaw & Son, Glasgow. The contribution of the diversification of British investment abroad to the modernization of urban water distribution systems in Figueira da Foz*  
**José Ricardo Nóbrega e Cláudia Figueira**
- 306 - 315 Princípios para a valorização do Património Industrial do Cabo Mondego  
*Principles for enhancing the Industrial Heritage of the Mondego Cape*  
**Francisco Velho da Costa**
- 316 - 323 Património Industrial – Que Futuro? | Mesa-redonda  
*Industrial Heritage – What Future? | Round table discussion*
- 324 - 335 Memória do Colóquio  
*Colloquium Memory*

# O Dólmen do Cabeço dos Moinhos (Serra da Boa Viagem, Figueira da Foz): contributo para o estudo das práticas funerárias pré-históricas do Centro de Portugal

*The Megalithic Monument of the Cabeço dos Moinhos  
(Serra da Boa Viagem, Figueira da Foz): contributions to the  
study of prehistoric funerary practices of the Centre of Portugal*

---

Ana M. S. Bettencourt<sup>1</sup> • Ana Maria Silva<sup>2</sup> • Cláudia Costa<sup>3</sup> • Sofia Tereso<sup>2</sup> • Carlos S. Cruz<sup>4</sup>

<sup>1</sup> Landscapes, Heritage and Territory Laboratory (Lab2PT), Departamento de História, Universidade do Minho, Braga | [anabett@uaum.uminho.pt](mailto:anabett@uaum.uminho.pt)

<sup>2</sup> Laboratório de Pré-história, Centro de Investigação em Antropologia e Saúde (CIAS), Departamento de Ciências da Vida, Universidade de Coimbra, Coimbra | [amgsilva@antrop.uc.pt](mailto:amgsilva@antrop.uc.pt); [sofiatereso@gmail.com](mailto:sofiatereso@gmail.com)

<sup>3</sup> Interdisciplinary Centre for Archaeology and Evolution of Human Behaviour (ICArEHB), Universidade do Algarve, Faro | [cmcosta@ualg.pt](mailto:cmcosta@ualg.pt)

<sup>4</sup> Colaborador do Landscapes, Heritage and Territory Laboratory (Lab2PT) | [simoes.cruz@gmail.com](mailto:simoes.cruz@gmail.com)

# RESUMO

O acervo do monumento megalítico do Cabeço dos Moinhos, escavado por Santos Rocha nos anos 80 do séc. XIX, foi originalmente publicado nos finais do séc. XIX. No âmbito do Projeto ENARDAS, desenvolvido entre 2011 e 2015, parte deste acervo, assim como a informação disponível sobre aspetos construtivos, foram alvo de revisão científica. Simultaneamente foram realizados estudos interdisciplinares sobre restos humanos e faunísticos, revistos alguns artefactos sobre osso de animal e efetuadas datas de C14. O texto que agora se publica dá a conhecer os resultados deste estudo com o objetivo de precisar as práticas funerárias efetuadas neste monumento megalítico.

Na revisão dos artefactos sobre osso publicados identificou-se um botão perfurado e um fragmento de um eventual ídolo almeriense. Os restos faunísticos possibilitaram a identificação de cinco espécies de mamíferos, provavelmente resultantes de intrusões posteriores. Os restos humanos analisados pertencem a um mínimo de dez indivíduos, oito adultos (de ambos os sexos) e dois não adultos. Destes, um conjunto exhibe diversas alterações relacionados com a exposição ao fogo. Este espólio revela, ainda, algumas das doenças que afetaram os indivíduos depositados. As datas de C14 efetuadas identificam uma ocupação neolítica, na primeira metade do 4.º milénio AC, associadas a inumações; uma reutilização na transição do 4.º para o 3.º milénio AC, durante os finais do Neolítico ou inícios do Calcolítico, associados a ossos cremados, e novas reutilizações na primeira metade do 3.º milénio AC, ou seja, no Calcolítico, associadas a artefactos sobre osso. Alguns artefactos cerâmicos indiciam reutilizações durante períodos posteriores.

Foi ainda possível perceber que, pelo menos, a partir do Calcolítico Inicial, as populações que tumularam neste monumento se inserem numa cosmogonia similar às encontradas na Extremadura portuguesa e sudoeste Ibérico.

**Palavras-chave:** Neolítico; Calcolítico; Inumações; Cremações; Afinidades meridionais.

# ABSTRACT

The collection of the megalithic monument of Cabeço dos Moinhos, excavated by Santos Rocha in the 80s of 19th century, was originally published in the late 19th century. As part of the ENARDAS Project, developed between 2011 and 2015, part of this collection, as well as the available information on constructive aspects, has been reviewed. At the same time, interdisciplinary studies on human and faunal remains were performed, some artefacts on animal bone were reviewed and radiocarbon dating was made. This paper discloses the results of this study in order to clarify the funerary practices performed in this megalithic monument.

In the review of published bone artefacts, a perforated bud and a fragment of an eventual almerian idol were identified. Faunal remains made it possible to identify five species of mammals, probably resulting from later intrusions. The human remains analysed belong to a minimum of ten individuals, eight adults (of both sexes) and two non-adults. Of these, a set displays several changes related to fire exposure. This collection also reveals some of the diseases that affected the deposited individuals. The radiocarbon dating performed points to a Neolithic occupation in the first half of the 4th millennium BCE associated with inhumations; a reuse in the transition from the 4th to the 3rd millennia BCE, during the Late Neolithic or Early Chalcolithic, connected with cremated bones, and new reuses in the first half of the 3rd millennium BCE, *i.e.* in Chalcolithic, associated with bone artefacts. Some ceramic artefacts indicate reuse for later periods.

It was also possible to realize that, at least, from the Early Chalcolithic, the populations that were buried in this monument are inserted in a cosmogony similar to those found in Portuguese Extremadura and South-western Iberian.

**Keywords:** Neolithic; Chalcolithic; Inhumations; Cremations; Southern cultural affinities.

## Introdução

O Cabeço dos Moinhos é um monumento megalítico funerário escavado por Santos Rocha na década de 80 do séc. XIX. Os resultados então obtidos foram, exaustivamente publicados, entre 1888 e 1900 na obra *Antiguidades Pré-históricas do Concelho da Figueira [da Foz]*, reeditada em 1949, com o título *Memórias e Explorações Arqueológicas*.

Com base nos estudos então efetuados o monumento foi caracterizado, segundo as palavras de Santos Rocha, como o "...maior e mais rico monumento de toda a região por nós explorada até ao presente", com montículo artificial de grandes dimensões e composto por "terra amarelada sem mistura" (1895: 93; 1949: 139-140). A câmara teria 3 m de comprimento por 3,5 m de largura e adossava-se a um corredor diferenciado, ainda com 5 m de comprimento por 1 m de largura, apesar de incompleto.

Os esteios eram de diferentes tipos litológicos e de distintas colorações, desde o calcário branco, aos grés esbranquiçados, acinzentados, amarelados e avermelhados. O fundo da câmara teria sido coberto, pelo menos parcialmente, com "cascalho".

Este monumento, hoje destruído, encontrava-se na freguesia da Brenha, concelho da Figueira da Foz (Fig. 1).

Segundo Santos Rocha (1949: 14 e 263) localizava-se no Alto dos Moinhos, um "ponto assaz elevado", a cerca de 200 m para sul da Brenha, "...quase no meio da região dolménica explorada desde as imediações do Cabo Mondego até à das Alhadas", em um local pedregoso, agreste e batido pelo vento.

Apesar destas informações a localização exata tornou-se difícil de identificar, pelo facto de, na toponímia local, o Alto ou Cabeço dos Moinhos corresponder a uma área relativamente extensa.

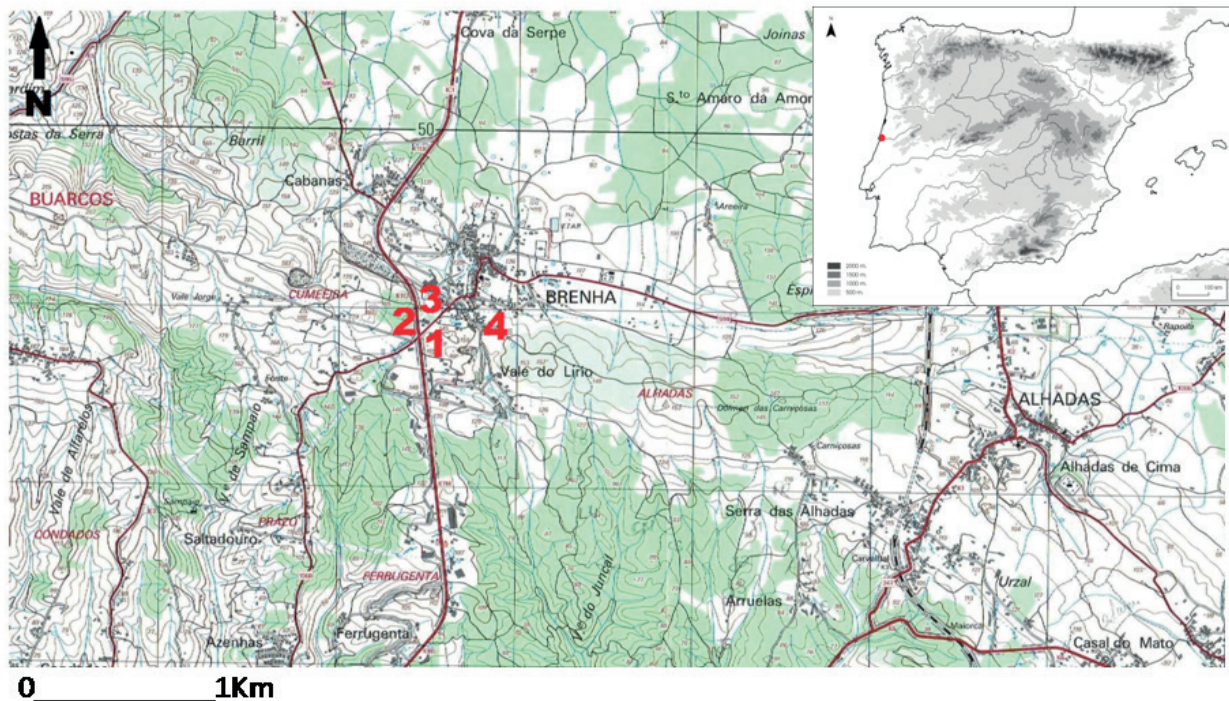


Figura 1 - Localizações prováveis para o Cabeço do Moinho em excerto da Carta Militar de Portugal, n.º 239, na escala 1: 25000, IGE, 2002 segundo diferentes autores:

1 - Carlos Cruz; 2 - Raquel Vilaça (1988); 3 - Isabel Pereira (informação oral); 4 - Victor Guerra e Octávio da Veiga Ferreira (1968-1970).

A localização proposta neste trabalho, que corresponde ao n.º 1 da Fig. 1, teve em conta as indicações da população local sobre os terrenos do proprietário referido por Santos Rocha.

Durante as duas campanhas de escavações realizadas neste monumento foi encontrada grande quantidade de recipientes cerâmicos e de artefactos líticos e ósseos; algumas substâncias colorantes; fósseis; carvões e cinzas; restos de animais e de “esqueletos” humanos, alguns deles queimados.

Santos Rocha descreve, detalhadamente, todos estes dados, além de tecer considerações sobre a importância de quem ali teria sido sepultado.

Na década de 80 do séc. XX, Senna-Martinez (1982) estuda alguns materiais cerâmicos deste monumento identificando, então, duas taças de bordo espessado, de tipo Palmela, assim como um potinho de bordo esvasado, de perfil em S e de acabamento polido, que considera como sendo um vaso campaniforme liso.

No âmbito do projeto *Espaços Naturais, Arquitecturas, Arte Rupestre e Deposições da Pré-história Recente da Fachada Ocidental do Centro-norte Português: das Acções aos Significados* (Enardas)<sup>1</sup>, da responsabilidade de um dos autores deste texto (AMSB), os dados documentais, o acervo artefactual e os restos animais e humanos, exumados por Santos Rocha foram revistos, tendo os resultados sido apresentados em diferentes comunicações e posters, entre 2013 e 2017, e parcialmente publicados em capítulo de livro, em 2014 (Cruz *et al.*, 2014). Neste trabalho, os principais objetivos foram a identificação dos vários momentos genéricos de utilização do Cabeço dos Moinhos e o estudo das matérias-primas usadas na sua construção e na manufatura dos artefactos aí depositados. Deste modo foi possível confirmar a hipótese de reutilização do monumento durante o Calcolítico, defendido

por Senna-Martinez (1982), através de um maior número de dados e, ainda, enquadrar nesta fase uma peça de marfim – um possível bracelete –, listado num estudo sobre artefactos desta matéria existentes em Portugal (Cardoso e Schumacher, 2012), além da identificação de reutilizações durante a Proto-história. Com base nas informações bibliográficas colocou-se a hipótese de que os esteios de calcário branco seriam das imediações do monumento e de que os de grés esbranquiçados, acinzentados, amarelados e avermelhados, seriam originários de vertentes situadas a algumas centenas de metros para sul das áreas prováveis da sua localização. Já o montículo, pela descrição de Santos Rocha, foi considerado como tendo sido, maioritariamente, construído com sedimentos de natureza areno-argilosa, retirada de depósitos superficiais locais.

Quanto às matérias-primas usadas na manufatura dos artefactos verificou-se que a tonalidade avermelhada de muitos recipientes cerâmicos neolíticos resultou da inclusão intencional de óxidos ou hidróxidos de ferro, na argila; que foi usada uma grande variedade de rochas e minerais para a manufatura dos artefactos líticos e que estes eram de proveniência local, regional (até um raio de 90 a 100 km), ou suprarregional. De proveniência regional foram considerados alguns tipos de sílex [como o sílex do Jurássico, proveniente da região de Cantanhede; o sílex paleogénico da região de Vagos e Mira (Formação de Queridas) e o sílex cretácico da região da Carpalhosa-Leiria ou da Nazaré]; o quartzito de grão muito fino, dos afloramentos com rochas ordovícicas da zona Centro-Ibérica (Buçaco-Penacova) e o anfíbolito e o quartzo hialino, das regiões graníticas da Beira Alta. De proveniência suprarregional consideraram-se as rochas verdes de diferentes composições mineralógicas, como as variedades de variscite e de talco. Com base na classificação litológica dos artefactos líticos identificaram-se os materiais mais significantes na sua produção, as redes de intercâmbio em que as comunidades neolíticas estavam implicadas para

<sup>1</sup> Este projeto tinha como objetivo comparar a Pré-história Recente de diferentes áreas-chave da fachada ocidental do Centro-norte e Norte de Portugal.

os obter e a importância simbólica dos diferentes materiais no fabrico de determinados objetos usados durante as práticas funerárias. A ausência de traços de uso na maioria dos artefactos líticos (como nas pontas de seta, nas lâminas, nos micrólitos, nas enxós, entre outros) indicou que foram fabricadas apenas para os ritos funerários. A identificação de fragmentos de lutito com óxido de ferro permitiu, também, colocar a hipótese de que poderiam ter servido como colorante para pinturas corporais ou nos esteios.

Desta análise resultou a constatação da necessidade de se desenvolverem novos estudos que possibilitassem ampliar os conhecimentos sobre as práticas funerárias existentes no Cabeço dos Moinhos e a sua biografia na longa diacronia. Para tal efetuaram-se estudos de índole arqueológica, de arqueozologia e de antropologia biológica, além de se terem efetuado cinco datas de radiocarbono por AMS, cujos resultados se dão a conhecer neste texto.

### A reinterpretção de artefactos sobre osso

Foram reanalisados dois artefactos sobre osso de fauna, tendo por base objetos similares, existentes noutros contextos da Ibéria. O primeiro que se publica foi considerado um pendente de colar devido às suas perfurações (Rocha, 1949: 162 e Est. XIX, Fig. 266a). Uma observação atenta possibilitou perceber que se trata de um objeto que, em termos de contorno, apresenta duas faces lisas e duas irregulares, com dupla perfuração circular disposta de forma assimétrica, sensivelmente a meio da peça. Tem acabamento polido, mede 23 mm no seu eixo maior, 21 mm no seu eixo menor e 0,25 mm de espessura e apresenta secção curva (Fig. 2). Quanto ao “suporte”, apesar de ter sido realizado sobre dente de animal foi impossível determinar se seria de dente de javali, tal como defendeu Santos Rocha (1949: 162).

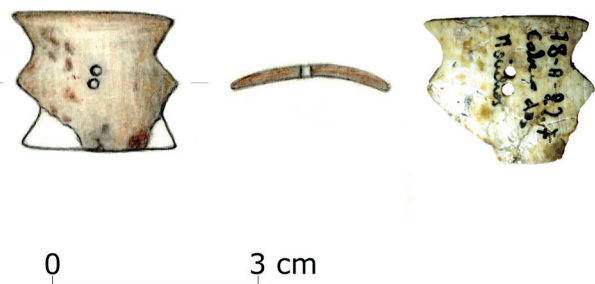


Figura 2 - Desenho e fotografia do artefacto ósseo em estudo (desenho de Amélia Marques e fotografia de Manuel Santos).

Corresponde a um botão sobre dente de animal comum em contextos funerários da Extremadura e do sul da Península Ibérica. Os paralelos mais próximos para esta peça são um botão encontrado no hipogeu da Quinta do Anjo, em Palmela (Cardoso, 2004) e um outro da gruta da Cova da Moura, em Óbidos (Carreira e Cardoso, 2001-2002).

O segundo objeto reanalisado foi considerado por Santos Rocha (1949: 159, Est. XVII, Fig. 208a) como correspondente à extremidade proximal de um possível furador. Trata-se de um artefacto de contorno trapezoidal, partido na extremidade menor e polido nas restantes, com 41 mm de comprimento por 26 mm de largura máxima e 4 mm de espessura, com secção sub-retangular (Fig. 3).

Por paralelos com objetos similares da área meridional da Ibéria parece tratar-se do fragmento inferior ou da cabeça de um ídolo almeriense, um elemento ideotécnico existente, maioritariamente, em contextos funerários da Extremadura espanhola e da Andaluzia (Valera, 2012), mas com presença no Alentejo, como é o caso da Anta 1 do Olival da Pega, Reguengos de Monsaraz (Leisner e Leisner, 1985). Podem ocorrer, ainda, em menor número, em recintos de fossos do Sudoeste, como, por exemplo, nos Perdigões, em Reguengos de Monsaraz (Valera, 2012; Márquez-Romero *et al.*, 2013). Datam do Neolítico Final/inícios do Calcolítico, ou seja, de entre os finais do 4.º e os inícios do 3.º milénios AC (Valera, 2012) (Fig. 4).

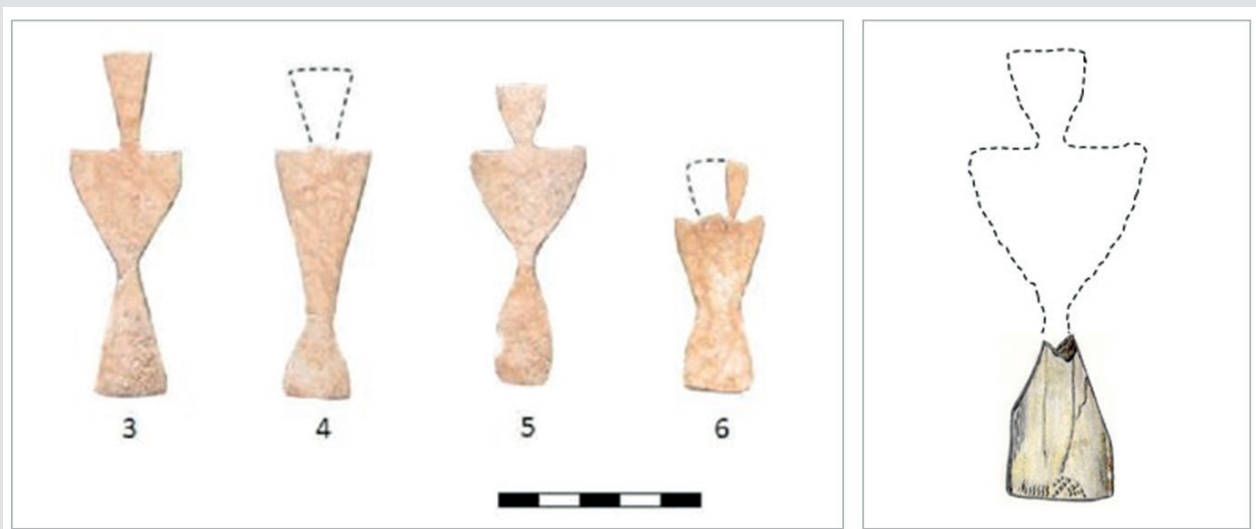
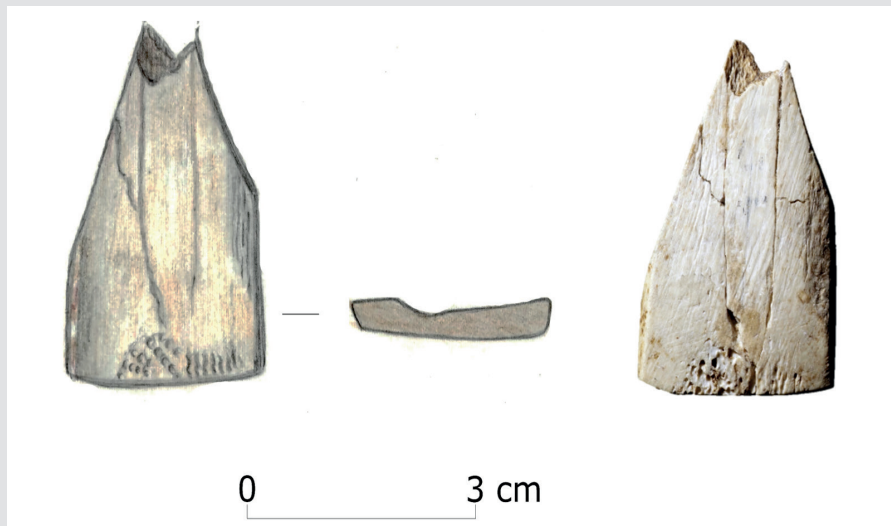


Figura 3 (em cima) - Desenho e fotografia da peça em estudo (desenho de Amélia Marques e fotografia de Manuel Santos).

Figura 4 (em baixo) - Ídolos almerienses de meados do 4.º ao início do 3.º milénio AC dos Perdígões (Valera, 2012) e reconstituição de um ídolo almeriense a partir do fragmento ósseo do Cabeço dos Moinhos (Desenho de Amélia Marques).

## **Análise de restos ósseos animais**

Santos Rocha (1949: 183) refere um conjunto significativo de restos animais, provenientes deste monumento, como “um metacarpo de um boi, dentes e outros ossos de carneiro ou cabra, alguns ossos de cabrito, parte do maxilar inferior de porco, muitos ossos de coelho e alguns de lebre, um dente de javali, ossos de ave, e outros que não podemos classificar”, além de “– Um grande búzio (*Triton nodiferus*) com algumas fracturas, e fragmentos de outros” e de “– Fragmentos de conchas bivalves” que não foi possível estudar. Pelo contrário, a amostra analisada por uma das autoras (CC) e que se encontrava misturada com os restos humanos, é pequena, muito fragmentada, correspondendo apenas a 24 fragmentos (NTR).

Estes foram identificados com recurso à coleção de referência do Laboratório de Arqueociências da Direção Geral do Património Cultural (LARC-DGPC).

As espécies identificadas foram o coelho (*Oryctolagus cuniculus*); o gato (*Felis* sp./Cf. *Felis* sp.); o texugo europeu (Cf. *Meles meles*); o sapo (*Bufo bufo*), além de um elemento do género *Sus* sp. não tendo sido possível determinar se se trata de suíno doméstico ou selvagem. As espécies mais representadas são o coelho e o gato (Tabela I). Do porco foi encontrado, apenas, um fragmento de mandíbula. Quanto ao número mínimo de indivíduos (NMI) apenas o coelho correspondia a mais do que um animal, neste caso a três.

Sendo o gato, o sapo e provavelmente o texugo, intrusões posteriores, colocaram-se problemas no momento de interpretar os restos de porco e de coelho, por serem animais comuns em contextos arqueológicos da Pré-história Recente do Sul da Ibéria, onde se encontram, frequentemente, em depósitos intencionais. Tal é o caso do porco que ocorre como a espécie bem representada em contextos do Neolítico Final e do Calcolítico (Valera e Costa, 2013).

O coelho é uma espécie muito frequente nos contextos arqueológicos desde o Paleolítico até à Pré-história Recente. A natureza antrópica da sua presença é muitas vezes colocada em causa devido ao comportamento fossorial da espécie (Hockett, 1991, 1999; Lloveras *et al.*, 2008a, 2008b, 2009).

No entanto, a existência, durante a Pré-história Recente, de inúmeras figuras de lagomorfos, em osso ou pedra, em contextos funerários da Estremadura e Alentejo, desde o Neolítico Final (Spindler, 1976) indicia a importância deste animal no decorrer das práticas funerárias (Bettencourt e Costa, 2017).

Assim, optou-se por datar por radiocarbono um dente da mandíbula de porco e um fragmento de fémur de coelho para testar a eventual contemporaneidade destes animais com os outros materiais encontrados neste túmulo (Tabela II). Estas datações foram realizadas no *International Chemical Analysis Lab*, nos Estados Unidos da América. Como se pode observar pelas datações de radiocarbono, quer os restos de coelho quer de porco são de época histórica, sendo os de coelho da Alta Idade Média, entre os séculos VIII e X e os de porco de entre os séculos XV e XVII.

De acordo com estes dados, é possível que toda a acumulação de fauna seja posterior à ocupação funerária e não possa ser relacionada com as cerimónias pré-históricas aqui praticadas. Relacionam-se, provavelmente, com intrusões no interior do monumento ou com ocupações ocasionais durante a Idade Média e Moderna.

## **Estudo dos restos ósseos humanos**

A coleção de restos ósseos estudada por duas autoras deste trabalho (AMS e ST) corresponde apenas a uma pequena parte dos restos humanos que aqui teriam sido depositados. A este propósito é de lembrar a informação veiculada a Santos Rocha, pelo proprietário do terreno onde se implantava



**Tabela I**  
**Identificação dos restos faunísticos**

	NTR	NMI
<i>Sus</i> sp.	1	1
<i>Oryctolagus cuniculus</i>	16	3
<i>Felis</i> sp./Cf. <i>Felis</i> sp.	5	1
Cf. <i>Meles meles</i>	1	1
<i>Bufo bufo</i>	1	1
<b>Total</b>	<b>24</b>	<b>7</b>

**Tabela II**  
**Datas de AMS de restos faunísticos**

Ref. do Lab.	Amostra	Data BP	Calibração - 2 Sigma
<b>ICA 17B/0212</b>	Fémur de <i>O. cuniculus</i>	1180±40 BP	720-741 AD (3,5%) <b>766-970 AD (91,9%)</b>
<b>ICA 14T/1113</b>	Dente de mandíbula, <i>Sus</i> sp.	290±40 BP	<b>1482-1666 AD (93.5%)</b> 1784-1795 AD (1.9%)

o monumento, que afirma ter encontrado um número de ossos suficientes para encherem algumas cestas (Rocha, 1895: 96). Além disso este autor refere, quando descreve o espólio ósseo recuperado, a existência de “Muitos fragmentos de outros craneos. Um tem vestígios de dentes de pequenos animais, sendo bem distintos os de um roedor. Outro apresenta cinco golpes, que parecem feitos com um machado de pedra de gume rectilíneo” (Rocha, 1895: 116).

Estes fragmentos não fazem parte do espólio ósseo humano que chegou aos nossos dias. Atualmente, a coleção óssea humana depositada no Museu Municipal Santos Rocha é constituída

por aproximadamente 1 214 fragmentos ósseos (Fig. 5). Inclui fragmentos de todo o esqueleto, ainda que algumas regiões estejam pouco representadas e perto de metade da coleção apresente alterações devido à exposição ao fogo. Contudo, aquando da descoberta do monumento, este último conjunto seria em número muito menor que o de ossos sem sinais de fogo, de acordo com as descrições de Santos Rocha (1895: 116). Entre as alterações observadas sobressaem as cromáticas, predominando a cor preta, o que sugere a exposição a temperaturas baixas, entre os 200° e 300°C.

Contudo, perto de 10 fragmentos de ossos longos estão calcinados (temperaturas altas) (Fig. 6).



Figura 5 - Amostra óssea do Cabeço do Moinho depositada no Museu Municipal Santos Rocha. Note-se a presença de ossos de todas as regiões do esqueleto e das alterações cromáticas visíveis (predominantemente de cor preta) relacionadas com exposição ao fogo.

Fraturas provocadas por elevadas temperaturas – tipo *thumbnail* – foram registadas para dois fragmentos. Estas são geralmente associadas à queima com tecidos moles, ainda que, recentemente Gonçalves (2012) tenha demonstrado que este tipo de fratura também possa surgir em osso seco. Deste modo, a sua presença estaria mais relacionada com a preservação de



Figura 6 - Fragmento de osso longo com sinais claros de exposição a temperaturas elevadas, quer pela cor - calcinado - quer pela presença de fraturas transversais.

colagénio do que a condição pré-queima (Gonçalves *et al.*, 2011). No presente caso, não é possível excluir que os corpos se encontrassem em diferentes estados quando foram sujeitos à ação do fogo.

Neste conjunto estão representados, no mínimo, 10 indivíduos, dois não adultos (pelos talus – osso do pé) e 8 adultos (pelos restos mandibulares). Estes últimos incluem indivíduos de ambos os sexos, adultos jovens (20-30 anos), mas há evidências de indivíduos que terão falecido com mais de 40 anos de idade.

No âmbito da análise morfológica, um fémur direito pertencente a um indivíduo do sexo feminino, permitiu estimar uma estatura de aproximadamente de  $152 \pm 5,65$  cm (recorrendo às fórmulas de Mendonça, 2000). Em três fragmentos de fémures (um esquerdo e dois direitos) foi possível estimar o índice de achatamento. A média obtida, de 75,5, traduz a presença de platimeria, ou seja, a existência de achatamento da diáfise proximal dos fémures. Esta, reflete um *stress* biomecânico diário sobre esta região do esqueleto. Ao nível dos caracteres não métricos do

esqueleto pós-craniano, 75% (3/4) dos fêmures têm fossa hipotrocantérica e 25% (1/4), o 3.º trocânter. Estes dois caracteres são usualmente observados em amostras coevas (Silva, 2003).

Neste pequeno conjunto ósseo, foram identificados diversos tipos de patologias: oral, traumática, degenerativa articular e não articular, infecciosa e indicadores de *stress* fisiológico. No âmbito da patologia oral, destaca-se uma mandíbula pertencente a um indivíduo adulto, provavelmente do sexo feminino. Esta, apresenta perda *antemortem* do 2.º pré-molar e do 1.º molar esquerdos, um desgaste dentário médio (grau 4 na escala de Smith, 1984 modificada por Silva, 1996), uma pequena lesão cariogénica no 2.º molar esquerdo e pequenos depósitos de tártaro.

Sinais de periostite (patologia infecciosa), remodelada, foi registada na região posterior e distal da diáfise de um fémur esquerdo. Evidências de uma fratura antiga, completamente remodelada foi detetada num metacarpiano (Fig. 7).

Patologia degenerativa articular, artrose, está patente no corpo de uma vértebra lombar sob a forma de osteófitos (crescimentos ósseos) e na região articular distal de um fragmento de calcâneo direito. Lesões degenerativas não articulares, relacionadas com microtraumatismos em regiões musculares foram observadas na zona de inserção do bíceps de um

fragmento de rádio esquerdo (Fig. 8) e na região proximal de um fémur direito.

Indicadores de *stress* fisiológico foram detetados em dois fragmentos cranianos: uma órbita direita revela porosidade devido à *cribra orbitalia* e um fragmento de osso parietal, apresenta alterações compatíveis com hiperostose porótica. Estas são geralmente associadas a anemias relacionadas com falta de ferro. Saliente-se que as lesões se encontram remodeladas.

A análise antropológica dos restos ósseos humanos preservados do Cabeço dos Moinhos representa um contributo inquestionável para o conhecimento das populações do Neolítico.

A presente abordagem permite inferências relevantes ao nível das práticas funerárias, mas ainda do perfil biológico e patológico destas comunidades humanas. De acordo com Santos Rocha (1895: 169, 173), os corpos teriam sido depositados em posição de cócoras e cobertos por terra. Um aspeto particular é a presença de ossos sujeitos a fogo. Santos Rocha (1895: 170-172) discute as possíveis motivações para os ossos terem sido sujeitos a fogo, destacando duas, com fins de desinfestação e de incineração, concluindo em favor da primeira, face às evidências observadas (Rocha, 1895: 173). Entre estas, destaca a ausência de sinais de fogo nas lajes do monumento, o número baixo de carvões recuperados e a predominância de fragmentos cranianos entre



Figura 7 (esquerda) - Sinais de uma linha de fractura observada num metacarpiano (setas). Trata-se de um trauma antigo, completamente remodelado.

Figura 8 (direita) - Região do bíceps de um fragmento de rádio esquerdo com lesões degenerativas não articulares.

os restos cremados. Este último aspeto, segundo Santos Rocha, poderia ser explicado pela posição de cócoras dos corpos, tornando-se o crânio a parte mais exposta a um fogo de superfície com fins de desinfestação (Rocha, 1895: 169). Apesar de não se poder excluir a hipótese de fogo não intencional, nos últimos anos, têm vindo a crescer as evidências da importância do fogo nas práticas funerárias das comunidades humanas a partir do Neolítico Final/Calcolítico (Pereira *et al.*, 2014; Silva *et al.* 2015). No presente caso, as datações por radiocarbono confirmaram uma cronologia distinta para os dois conjuntos (ver abaixo), implicando uma revisão da interpretação inicial dos dados.

Os restos ósseos humanos correspondem a um mínimo de 10 indivíduos (não adultos e adultos de ambos os sexos), um número inferior à estimativa de 15 indivíduos realizada por Santos Rocha (1895: 116), ainda assim expectável face à conhecida perda de material ósseo. Através do perfil patológico foi possível aceder a algumas doenças e lesões que estes indivíduos sofreram em vida. É de ressaltar que as patologias observadas são remodeladas, representando eventos antigos, ocorridos antes da morte dos indivíduos.

### **Outras datações absolutas**

Foram realizadas três datações de radiocarbono por AMS, duas no laboratório *Beta Analytic Inc.*, Miami, nos Estados Unidos e uma terceira no laboratório referido anteriormente, sendo duas de restos humanos e uma de um artefacto efetuado sobre osso de animal, inclassificável (Tabelas III e IV). As de restos humanos tinham como objetivos datar o momento das inumações efetuados no Cabeço dos Moinhos e se as cremações eram de cronologia pré-histórica. Com a terceira pretendia-se obter mais informação sobre o uso ou reutilização do monumento durante a Pré-história.

Os resultados mostram que, pelo menos, algumas inumações ocorreram durante o segundo quartel do 4.º milénio AC, no Neolítico; que as cremações são antigas e se inserem na transição do 4.º para o 3.º milénios AC, no Neolítico Final/Calcolítico e que o artefacto de osso analisado foi efetuado a partir de um animal que morreu na primeira metade do 3.º milénio AC, ou seja durante o Calcolítico.

### **Discussão dos dados e considerações finais**

Tendo em conta o conjunto de dados analisados (Cruz *et al.*, 2014), os estudados no âmbito deste trabalho e as datas absolutas verifica-se, de imediato, uma utilização do monumento megalítico do Cabeço dos Moinhos durante mais de 4 000 anos, de forma, provavelmente, descontinuada no tempo.

De uma forma geral pode considerar-se que, durante o segundo quartel do 4.º milénio AC, ou seja, no Neolítico Médio, este monumento estava construído e em atividade, tendo aí sido inumados indivíduos adultos de ambos os sexos e de diferentes idades, de cócoras, revelando sinais de diversas patologias, incluindo infecciosa, degenerativa, traumática e indicadores de *stress* fisiológico. Saliente-se que as lesões detetadas são remodeladas, traduzindo eventos antigos. Será deste período a maioria dos artefactos cerâmicos e líticos encontrados nas antigas escavações.

A partir do resultado da datação absoluta por AMS da amostra Beta 383085 pode considerar-se que, na transição do 4.º para o 3.º milénios AC, ou seja, durante o Neolítico Final ou inícios do Calcolítico, consoante as regiões, e mais de 500 anos depois das inumações referidas, este monumento megalítico foi reutilizado para aí se depositarem corpos cremados, de indivíduos adultos e não adultos. Talvez a este período genérico se possa associar o possível ídolo almeriense atendendo às datações em que este tipo de objetos têm sido encontrados (Valera, 2012).

**Tabela III**  
**Datações de AMS de restos humanos**

Ref. do Lab.	Amostra	Data BP	Calibração - 2 Sigma
Beta 383084	Osso humano – não cremado	4960±30 BP	3793-3659 BC
Beta 383085	Osso humano – cremado	4360±30 BP	3085-3064 BC (5.6%) 3028-2904 BC (89.8%)

**Tabela IV**  
**Datação de artefacto ósseo**

Ref. do Lab.	Amostra	Data BP	Calibração - 2 Sigma
ICA 14B/1114	Fragmento de artefacto ósseo, indeterminado	4220±40 BP	2908-2838 BC (37.1%) 2815-2674 BC (58.3%)

Esta alteração nas práticas funerárias é importante na medida em que demonstra a existência de cremações a partir de momentos muito antigos (finais do 4.º, inícios do 3.º milénios AC), no ocidente da Ibéria, fenómeno também conhecido no Alto Alentejo, nomeadamente na Anta da Bola de Cera, Marvão, onde restos ósseos cremados foram datados de 4360±50 (ICEN-66) segundo Oliveira (1997: 613). Esta prática irá manter-se durante a primeira metade do 3.º milénio AC, tal como se verifica numa fossa do interior do recinto dos Perdigões, Reguengos de Monsaraz (Valera *et al.*, 2000; Pereira *et al.*, 2015; Silva *et al.*, 2015) e, pelo menos, até ao 3.º quartel do 3.º milénio AC, como se registou em Agro de Nogueiro, na Galiza (Bettencourt e Meijide, 2009). A abrangência geográfica deste fenómeno, pela fachada ocidental da Península Ibérica, assim como a sua amplitude cronológica, no contexto do 3.º milénio AC, pode contribuir para explicar uma certa invisibilidade ou “desinvestimento” nos contextos funerários deste período.

O resultado da datação absoluta ICA 14B/1114 a partir de um fragmento de artefacto ósseo indica que,

durante a primeira metade do 3.º milénio AC, ou seja, em pleno Calcolítico, o monumento megalítico do Cabeço dos Moinhos continuou a ser reutilizado sem que se saiba se os ritos fúnebres correspondiam a inumações ou a cremações ou aos dois em simultâneo. Talvez já na segunda metade do 3.º milénio AC se tenha depositado o corpo de alguém de estatuto social importante, cujas vestes fúnebres implicaram a aplicação de um botão em osso – um objeto de exceção, muito comum nos hipogeus da Estremadura (Soares, 2003). A este mesmo período se poderá integrar duas taças de tipo Palmela, também comuns na Estremadura portuguesa (Soares, 2003), e um eventual bracelete, em marfim, demonstrando que durante todo o Calcolítico a foz do Mondego se insere num universo cosmogónico com afinidades na Estremadura Portuguesa e no Sudoeste da Ibéria.

Se o monumento megalítico do Cabeço dos Moinhos parece ter sido reutilizado ao longo de todo o 3.º milénio AC, já durante a Proto-história, as reutilizações apresentam-se como muito pontuais e para fins que se desconhecem, dada a escassez de materiais inseríveis nesta etapa genérica.

## Referências bibliográficas

BETTENCOURT, Ana M. S. e MEIJIDE CAMESSELE, Gonzalo (2009). Agro de Nogueira, Melide, Lugo: novos dados e novas problemáticas. *Gallaecia*, 28, pp. 33-40.

BETTENCOURT, Ana M. S. e COSTA, Cláudia (2017). Figurines of Lagomorphs versus rabbit remains in funerary contexts of Central and Southern Portugal. Data and problems, Poster apresentado no *EZI2017- Iberian Zooarchaeology Meeting 2017*, Faro: Portugal, 26-29 abril.

Acessível em <https://www.academia.edu/32615348/>

CARDOSO, João Luís (2004). A Baixa Estremadura dos finais do IV milénio até à chegada dos Romanos: um ensaio de História regional, Oeiras. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, vol. temático, n.º 12.

CARDOSO, João Luís e SCHUHMACHER, Thomas X. (2012). Marfiles Calcolíticos en Portugal. Estado de la quistión. In BANERJEE, A.; LÓPEZ PADILLA, A. e SCHUHMACHER, Thomas X. (eds.), *Elfenbein-studien. Faszikel 1: Marfil y Elefantes en la Península Ibérica y el Mediterráneo Occidental. Actas del Coloquio Internacional en Alicante el 26 y 27 de noviembre 2008*. Darmstadt/Mainz: Deutsches Archäologisches Institut, Diputación de Alicante: Museo Arqueológico de Alicante, pp. 95-110.

CARREIRA, Júlio R. e CARDOSO, João Luís (2001-2002). A gruta da Casa da Moura (Cesareda, Óbidos) e a sua ocupação pós-paleolítica. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 10, pp. 249-362.

CRUZ, Carlos *et al.* (2014). Materiais de construção e objetos líticos nas práticas funerárias neolíticas da Serra da Boa Viagem (Centro-Oeste de Portugal). O caso do monumento megalítico do Cabeço dos Moinhos, Figueira da Foz. In BETTENCOURT, Ana M. S. *et al.* (eds.), *Corpos e Metais na Fachada Atlântica da Ibéria. Do Neolítico à Idade do Bronze*. Braga: APEQ, CITCEM, pp. 5-28.

GONÇALVES, David (2012). *Cremins. The Value of Quantitative Analysis for the Bioanthropological Research of Burned Human Skeletal Remains*. Coimbra: University of Coimbra. Doctoral Thesis.

GONÇALVES, David; THOMPSON, Tim J. e CUNHA, Eugénia (2011). Implications of heat-induced changes in bone on the interpretation of funerary behaviour and practice. *Journal of Archaeological Science*, 38(6), pp. 1308-1313.

GUERRA, Víctor e FERREIRA, Octávio da Veiga (1968-1970). Inventário dos monumentos megalíticos dos arredores da Figueira da Foz. *Arquivo de Beja*, 25-27, pp. 45-56.

HOCKETT, Brian S. (1991). Toward distinguishing human and raptor patterning on leporid bones. *American Antiquity*, 56(4), pp. 667-679.

HOCKETT, Brian S. (1999). Taphonomy of a carnivore-accumulated rabbit bone assemblage from Picareiro Cave, Central Portugal. *Journal of Iberian Archaeology*, 1, pp. 251-256.

LEISNER, Georg e LEISNER, Vera (1985). *Antas do concelho de Reguengos de Monsaraz*. Lisboa: Uniarch/INIC.

LLOVERAS, Lluís; MORENO-GARCIA, Marta e NADAL, Jordi (2008a). Taphonomic study of leporid remains accumulated by Spanish Imperial Eagle (Aquila adalber 1). *Geobios*, 41(1), pp. 91-100.

LLOVERAS, Lluís; MORENO-GARCIA, Marta e NADAL, Jordi (2008b). Taphonom analysis of leporid remains obtained from modern Iberian lynx (Lynx pardinus) scats. *Journal of Archaeological Science*, 35(1), pp. 1-13.

LLOVERAS, Lluís; MORENO-GARCIA, Marta e NADAL, Jordi (2009). The Eagle Owl (Bubo bubo) as a Leporid Remains Accumulator: taphonomic analysis of modern rabbit remains recovered from nests of this predator. *International Journal of Osteoarchaeology*, 19(5), pp. 573-592.

MÁRQUEZ-ROMERO, José Enrique *et al.* (2013). Dataciones absolutas para el Foso 1 de Perdígões (Reguengos de Monsaraz, Portugal). Reflexiones sobre su cronología y temporalidad. *SPAL*, 22, pp. 17-27.

MENDONÇA, Maria Cristina (2000). Estimation of height from the length of long bones in a Portuguese adult population. *American Journal of Physical Anthropology: the Official Publication of the American Association of Physical Anthropologists*, 112(1), pp. 39-48.

OLIVEIRA, Jorge M. F. (1997). *Monumentos megalíticos da bacia hidrográfica do rio Sever*, (Ibn Maruán, 7).

PEREIRA, Daniela *et al.* (2014). Para lá das cinzas: Evidências de patologia nos remanescentes ósseos humanos cremados do Calcolítico final, exumados do ambiente 1 do recinto dos Perdígões. Poster apresentado nas *IV Jornadas de Paleopatologia*. Coimbra, 21 e 22 de novembro.

Acessível em <http://cias.uc.pt/about-us/publications/posters-presented/>

- REIMER, Paula J. *et al.* (2013). IntCal3 and Marine13 Radiocarbon Age Calibration Curves 0-50,000 Years cal. BP. *Radiocarbon*, 55 (4), pp. 1869-1887.
- ROCHA, António Santos (1888; 1891; 1895; 1900). *Antiguidades Prehistoricas do Concelho da Figueira*. Coimbra: Imprensa da Universidade.
- ROCHA, António Santos (1949). *Memórias e Explorações Arqueológicas. Antiguidades Pré-históricas do Concelho da Figueira da Foz*. Vol. 1. Coimbra: Acta Universitatis Conimbricensis.
- SENNA-MARTÍNEZ, João Carlos (1982). Materiais campaniformes do concelho de Oliveira do Hospital (distrito de Coimbra). *Clio: Revista do Centro de História da Universidade de Lisboa*, 4, pp. 19-34.
- SILVA, Ana Maria (1996). *O Hipogeu de Monte Canelas I (IV-III milénios a.C.): Estudo paleobiológico da população humana exumada*. Trabalho de síntese. Coimbra: Departamento de Antropologia, Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra. Provas de Aptidão Pedagógica e Capacidade Científica.
- SILVA, Ana Maria (2003). Portuguese Populations of the Late Neolithic and Chalcolithic Periods exhumed from Collective burials: an overview. *Anthropologie*, 41 (1-2), pp. 55-64.
- SILVA, Ana Maria *et al.* (2015). Collective secondary cremation in a Pit Grave: a unique funerary context in Portuguese Chalcolithic burial practices. *Homo-Journal of Comparative Human Biology*, 66 (1), pp. 1-14.
- SMITH, B. H. (1984). Patterns of molar wear in hunter-gatherers and agriculturalists. *Am. J. Phys. Anthropol.*, 63, pp. 39-84.
- SOARES, Joaquina (2003). *Os hipogeu pré-históricos da Quinta do Anjo (Palmela) e as economias do Simbólico*. Setúbal: Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal.
- SPINDLER, Konrad (1976). Die Neolithische Parede gruppe in Mittelportugal. *Madriider Mitteilungen*, 17, pp. 21-75.
- VALERA, António Carlos (2012). Ídolos Almerienses provenientes de contextos neolíticos do complexo de recintos dos Perdígões. *Apontamentos de Arqueologia e Património*, 8, pp. 19-28.
- VALERA, António Carlos e COSTA, Cláudia (2013). Animal limbs in funerary contexts in southern Portugal and the question of segmentation. *Anthropozoologica*, 48 (2), pp. 263-275. Acessível em <https://doi.org/10.5252/az2013n2a5>
- VALERA, António Carlos *et al.* (2000). Ambientes funerários no complexo arqueológico dos Perdígões: uma análise preliminar no contexto das práticas funerárias calcolíticas no Alentejo. *Era Arqueologia*, 2, pp. 84-105.
- VILAÇA, Raquel (1988). *Subsídios para a Pré-história Recente do Baixo Mondego*. (Trabalhos de Arqueologia 5). Lisboa: IPPC.



**MUSEU MUNICIPAL  
SANTOS ROCHA**  
FIGUEIRA DA FOZ  
1894 - 2019

**figueira**  
da foz. para todos

 **museu  
municipal  
Santos Rocha**



APOIOS



 **Tintas Robbialac** S.A.



**Revista Conimbriga | Anexos**

Coleção do Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

CRUZ, Domingos J. da

*A Mamoa 1 de Chã de Carvalhal no contexto arqueológico da Serra da Aboboreira*

Coimbra, 1992, 180 pág., ilustr., formato 21x29,5 cm

LOPES, Maria da Conceição

*A sigillata de Reprezas, tratamento informático*

Coimbra, 1994, 258 pág., ilustr., formato 21x29,5 cm

LOPES, Maria da Conceição

*A cidade romana de Beja. Percursos e debates acerca da civitas de Pax Iulia*

Coimbra, 2003, 392 pág., ilustr., formato 21x27 cm

CARVALHO, Pedro C.

*Cova da Beira. Ocupação e exploração do território na época romana*

Fundão/Coimbra, 2007, 590 pág., ilustr., formato 16x24 cm

VILAÇA, Raquel

*Depósitos de bronze do território português, um debate em aberto*

Coimbra, 2007, 150 pág., ilustr., formato 16x24 cm

CORREIA, Virgílio Hipólito

*A Arquitectura doméstica de Conimbriga e as estruturas económicas e sociais da cidade romana*

Coimbra, 2013, 418 pág., ilustr., formato 16x23 cm

FERREIRA, Ana Margarida e VILAÇA, Raquel (coord.)

*Santos Rocha, Arqueologia e Territórios da Figueira da Foz*

Figueira da Foz/Coimbra, 2021, 336 pág., ilustr., formato 21x27cm